

Infância na Gestalt-terapia

Caminhos terapêuticos

Sheila Antony
Rosana Zanella

(ORGS.)



INFÂNCIA NA GESTALT-TERAPIA

Caminhos terapêuticos

Copyright © 2020 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Michelle Campos**

Capa: **Alberto Mateus**

Imagem de capa: **Montagem com desenho**

de Lorena Mendes Rosa, 4 anos

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3873-7085

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio 7
KARINA OKAJIMA FUKUMITSU

Apresentação..... 11
SHEILA ANTONY E ROSANA ZANELLA

1 Estar com a criança na perspectiva
da Gestalt-terapia 15
VIRGINIA SUASSUNA

2 O desenho na prática clínica com crianças
e adolescentes 52
EVELYN DE OLIVEIRA

3 O uso da narrativa como ferramenta clínica
no processo de integração 65
CLAUDIA CLAIR P. TESSARI

4 A vida é uma caixa de chocolates: a terapia
de grupo com crianças 86
ROSANA ZANELLA

5 Vergonha e trauma no processo de desenvolvimento 101
CARLA POPPA

6 Compreendendo a energia agressiva e a raiva
na clínica infantil..... 116
FABIANA DE ZORZI

7 A experiência sensorial com crianças
na clínica da neurose 145
LUCIANA AGUIAR

- 8** Psicossomatizações da criança: o significado da enurese noturna e da encoprese..... 178
SHEILA ANTONY
- 9** O silêncio: uma atitude terapêutica com crianças com transtorno do espectro autista 199
TAÍS APARECIDA AUGUSTO

PREFÁCIO

KARINA OKAJIMA FUKUMITSU

A carência de estudos gestálticos sobre a infância no Brasil era gritante até que a obra *A clínica gestáltica com crianças – Caminhos de crescimento*, publicada pela Summus Editorial em 2010, nos brindou com estudos e práticas de Gestalt-terapeutas brasileiros dedicados aos cuidados na área infantil.

Nesse sentido, esta obra se configura como nova celebração, pois, entrelaçando teoria e prática clínica, amplia o escopo dos cuidados e intervenções dedicados a esse público. Neste volume, a criança se torna protagonista e figura dos diversos pontos de vista apresentados por profissionais que se dedicam a acolher o sofrimento e o desenvolvimento infantis. Rosana Zanella, Sheila Antony, Luciana Aguiar, Claudia Clair P. Tessari, Fabiana De Zorzi, Virginia Suassuna, Carla Poppa, Taís Aparecida Augusto e Evelyn de Oliveira apresentam colaboração importante em suas áreas de atuação, bem como destacam as atividades lúdicas e a compreensão sistêmica – a qual demanda a inclusão da família na compreensão de comportamentos disfuncionais, sintomas e conflitos.

Além de admirar o trabalho de Sheila Antony e Rosana Zanella, resultado de percurso profícuo no atendimento infantil segundo a perspectiva gestáltica, acompanho o intenso afincamento de ambas à ampliação do entendimento da infância. Assim, é um grande privilégio e uma honra ser convidada para escrever o prefácio deste livro, sobretudo porque meu

trabalho visa expandir as formas de acolhimento ao sofrimento para que a humanidade possa tolerar as adversidades.

O convite em tempos de Covid-19 trouxe frescor no período de distanciamento social; o contato das organizadoras veio no momento certo, em um período de diversas incertezas e de muitos “talvezes”. Penso que nada é por acaso: foi o campo que me permitiu refletir acerca da infância na perspectiva da Gestalt-terapia, principalmente porque acredito que, se analisarmos o tema, perceberemos que só teremos futuro se cuidarmos do aqui e agora. Portanto, este estudo nos faz refletir sobre a necessidade de um olhar mais cuidadoso e atento para os sonhos e esperanças brasileiros dos pequenos. Em tempos de crise, de sofrimento e de muitas dúvidas, é necessário que a esperança prevaleça.

Na apresentação, as organizadoras ressaltam a autorregulação e o ajustamento criativo como conceitos importantes para a compreensão da saúde e da doença segundo a óptica da Gestalt-terapia. Dessa forma, o caminho de quem se propõe atender crianças é o de buscar, em sua prática, a alternância entre luz e sombra, nos entremeios dos processos de adoecimento e bem-estar.

Em Gestalt-terapia, falar sobre infância significa abordar temas como conflitos, crises existenciais, desarmonia relacional, criatividade, espontaneidade, ingenuidade, inocência, maturidade, maturação, ajustamentos criativos, autorregulação orgânica e capacidade de desenvolver novas modalidades de aprendizagem por meio da descoberta de novas possibilidades. Além disso, é demanda *sine qua non* destacar a pluralidade e a peculiaridade de cada ser humano. As crianças são, ao mesmo tempo, instabilidade e inovação para a família e para as pessoas que têm o privilégio de conviver com elas. Percebem o mundo com mais amplitude, e assim o encantamento e o maravilhamento

impactam suas experiências e as de outrem. Nessa direção, abordar infância e criança implica a capacidade de desenvolver novas respostas. Ou, nas palavras que nossa abordagem tanto preza, *desenvolver a responsabilidade existencial*.

O nascimento de uma criança é um marco da existência. Sempre pensei que o oposto da morte fosse a vida. Ledo engano. No evento “Suicídio: quebrando silêncios e acolhendo a vida” (2019), do qual fui curadora, ouvi a dra. Nely Aparecida Guernelli Nucci ensinar que o oposto da morte é o nascimento. Este traz em si inúmeras incertezas sobre o caminho a ser percorrido.

Em Gestalt-terapia, a prioridade é a compreensão dos acontecimentos, e não a explicação deles. A famosa pergunta “por quê” é suspensa e valorizamos as questões “o quê?”, “para quê?” e “como?”. Nesse sentido, as indagações gestálticas norteiam-se para os bloqueios e a fluidez do fluxo de *awareness*. Quem é a criança? Como se comporta ao longo de sua existência? Como enfrenta as dificuldades inerentes do existir?

Não temos todas as explicações para o que nos acontece, mas podemos ajudar as crianças a direcionar plena atenção à maneira como lidam com a dor e administram seu tempo e seu espaço mais significativos, portanto funcionais.

A criança é um mistério a ser desvendado ao longo do desenvolvimento humano. “Semente” que brotará em sua singularidade – dependendo da maneira como for cuidada, poderá (ou não) se tornar árvore frondosa, que dará (ou não) frutos. E, falando sobre incertezas, as crianças ousam mais, pois ainda não conhecem as amarras de não aceitar o novo como novo. Ainda não perderam a inocência de experimentar e de tentar, como nós, adultos, já aprendemos a duras penas. A criança brinca, deseja e cria. Ousa por sua inquietude e talvez por não ter descoberto que o medo ceifa a

espontaneidade. Arrisca porque imagina possibilidades de viver o novo tal como ele se apresenta. Também sonha mais...

Na tessitura da sabedoria organísmica infantil e na trajetória dos diálogos propostos por esta obra, espero que o leitor seja capaz de repensar, resgatar e até restaurar a criança que foi. Quem se dá o presente de estar no aqui e agora com ingenuidade, frescor e curiosidade infantil aumenta as chances de se encontrar em sua máxima existencial de ser quem é.

Que possamos, como Gestalt-terapeutas, investir na ampliação de conhecimentos na área infantil, campo do desenvolvimento humano que tanto carece de cuidados.

Que resgatemos a nossa criança...

Que sonhemos mais e não deixemos que ceifem nossos sonhos...

Que possamos acreditar em um mundo com mais esperança...

Maio de 2020

APRESENTAÇÃO

SHEILA ANTONY

ROSANA ZANELLA

Organizamos este livro a fim de dar continuidade à obra *A clínica gestáltica com crianças – Caminhos de crescimento* (2010). O atual livro constitui, pois, uma espécie de volume 2, abordando temas da área infantil com conteúdo teórico, clínico e prático.

Devido à carência de publicações sobre o assunto, decidimos nos engajar em mais uma empreitada em favor da comunidade gestáltica. Por nosso histórico profissional, tanto na rede pública como em atendimentos em consultório e supervisões em turmas de graduação e pós-graduação, acreditamos que onde há doença há também saúde, entendendo que o método para fomentar a saúde seja o acolhimento, a presença do terapeuta e o brincar terapêutico.

A autorregulação e o ajustamento criativo são os conceitos que explicam essa polaridade saúde-doença. O ser humano tem a autorregulação como processo inato que o direciona em busca do equilíbrio, do bem-estar e da harmonia do organismo. Isso ocorre de forma natural quando este identifica a necessidade principal e age para satisfazê-la, realizando ajustamentos criativos no ambiente. *Ajustar-se criativamente* atribui ao indivíduo a condição de ser ativo e responsável por suas escolhas e ações, apoiado em seu modo singular de ser e existir. O ser saudável sabe priorizar suas necessidades; tem um autossuporte que o capacita a reconhecer a necessidade original e manifestá-la, assim como a sustentar sua expressão a despeito da resposta do

outro. Quem tem um bom autossuporte tem uma boa autoestima (e vice-versa): assim, não há temor do conflito, da tensão, da diferença. A doença instala-se quando o suporte externo prevalece sobre o autossuporte, ou seja, o sujeito é dependente da opinião alheia – o que implica valorizar mais a necessidade do outro do que a própria. Desse modo, vai perdendo a capacidade de identificar sua necessidade principal, o que perturba a autorregulação, confunde aquilo que é seu e cria um frágil senso de eu e uma desconexão com o corpo e com seus sentidos.

Neste livro, tomamos a liberdade de convidar gestaltistas que, atualmente, fazem parte de nossa vida profissional e se destacam no cenário nacional do atendimento infantil: Claudia Clair P. Tessari, Carla Poppa, Evelyn de Oliveira, Fabiana De Zorzi, Luciana Aguiar, Taís Aparecida Augusto e Virginia Suassuna. Todas escreveram sobre a metodologia que empregam no uso de atividades lúdicas para expandir a *awareness* da criança no processo de compreender seus comportamentos disfuncionais, sintomas e conflitos. Também descreveram como tornaram a família participante ativo no processo terapêutico da criança, confirmando a premissa de que “para a criança mudar é necessário que o campo mude”. O terapeuta, portanto, deve incluir os pais no tratamento, posto que a criança, a família e o profissional formam uma unidade subjetiva, em que todos são cocriadores dos fenômenos emocionais e comportamentais que possibilitam a cura, a transformação e a ressignificação dos problemas vividos.

Os capítulos estão recheados de temas interessantes e atuais que abordam certos comportamentos problemáticos, sintomas e transtornos – como o espectro autista, a vergonha, o trauma, a energia agressiva e a raiva –, e traz ainda procedimentos e recursos terapêuticos importantes – construir

histórias, desenhos artísticos, experimentos sensoriais – que facilitam a compreensão dos conflitos, ansiedades, medos e fantasias da criança.

Nós, organizadoras, escrevemos sobre as experiências com grupos de crianças, forma de terapia que contempla atendimento em clínica e em instituições, e sobre a enurese noturna e a encoprese, sintomas que revelam conflitos familiares subjacentes relacionados com o drama da dependência/independência vivido entre a criança e seus pais.

Esperamos que os leitores apreciem este livro e que ele se torne fonte de inspiração para novos escritos e para o aprofundamento teórico-clínico da prática profissional e do funcionamento psíquico das crianças.



ESTAR COM A CRIANÇA NA PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA

VIRGINIA SUASSUNA

INTRODUÇÃO

De acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 28), “a Gestalt-terapia é fenomenologia aplicada”, em que se localiza a experiência do cliente no aqui e agora. É no aqui (espaço) e agora (tempo) que a criança contata o mundo à sua volta, memórias e expectativas, nos quais, paradoxalmente, passado e futuro coexistem na experiência viva e palpável do presente (Ginger e Ginger, 1995; Perls, 2012; Polster e Polster, 2001).

Na prática terapêutica que envolve a criança, Oaklander (1980) propõe experiências capazes de renovar sua consciência acerca das funções de contato (ver, ouvir, sentir, falar). Trata-se de um modo de apoiar seu desenvolvimento de forma mais organísmica, isto é, orientado por suas reais necessidades de desenvolvimento global, muitas vezes anestesiadas ao longo do processo de desenvolvimento.

Assim, é necessário que o terapeuta se utilize como próprio instrumento, desenvolva uma faceta lúdica e disponibilize ao cliente todo o seu preparo e conhecimento. Como afirma Zinker (2007), é preciso perceber o outro com sensibilidade e elegância, na sua estrutura, ordem e ritmo, com vivacidade no olhar e deslumbre, para que a terapia, as brincadeiras e as fantasias ganhem vida e, assim, as funções de contato se ampliem.

No âmbito terapêutico, as fantasias são encorajadas, pois possibilitam o emergir daquilo que se passa na vida da